

Autora: Drielli Peyerl – Acadêmica do terceiro ano de História – bacharelado – pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-.

Título: Os significados dos sambaquis para os profissionais do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (SC), para os visitantes e para os moradores próximos aos resquícios arqueológicos: Contribuição da história oral para o estudo da cultura material.

A arqueologia é a ciência que estuda as culturas a partir do seu aspecto material, sendo que alguns pesquisadores a definem como o estudo dos “restos materiais de uma atividade exercida pelos homens do passado” (GASPAR, 2000; FUNARI e NOELLI, 2002). Porém, estudos mais recentes tendem a demonstrar a importância de se investigar tanto o presente como o passado através da arqueologia. Como exemplo temos a inclusão da história oral nesse meio, como forma de construção de documentos para o aprofundamento de novas descobertas sobre os desdobramentos dos estudos sobre a cultura material.

Assim, os sambaquis são sítios arqueológicos protegidos pela Lei nº 3.924/61 e, no caso de Joinville, também pelo Artigo nº 163 da Lei Orgânica Municipal, e representam fundamental importância na identidade cultural brasileira (OLIVEIRA, 1996). Através de inúmeras pesquisas, é fato estabelecido que o conhecimento adquirido através dos vestígios da cultura material existente nos sambaquis é riquíssimo, pois traz a possibilidade única de compreensão, através da Arqueologia, de características de sociedades pré-coloniais sem escrita. Isto porque esses vestígios exprimem concretamente, através de objetos e da relação dos seres humanos com eles, uma série de aspectos sociais, econômicos, culturais que só podem ser apreendidos por meio da preservação e do estudo dessa história da cultura material (MOBERG, 1968; PESEZ in LE GOFF, 1990; FUNARI, 1998, 2003).

A palavra sambaqui é de uma etimologia tupi, língua falada pelos horticultores e ceramistas que ocupavam grande parte da costa brasileira quando os europeus iniciaram a colonização. “Tamba” significa conchas e “Ki” amontoados, que são as características mais marcantes desse tipo de sítio. (GASPAR, 2000; FUNARI, 2002)

Os sítios arqueológicos de sambaquis são compostos por restos faunísticos como conchas, ossos de peixes e de mamíferos, junto a artefatos de pedras e ossos, e até mesmo colares de conchas junto a belos pingentes. Alguns sítios chegam a ter 30 metros de altura, sendo utilizadas algumas áreas para rituais funerários e sepultamentos. (GASPAR, 2000; FUNARI e NOELLI, 2002)tes desse tipo de sítio. (GASPAR, 2000; FUNARI, 2002)

A partir da década de 1960, estudiosos e amadores no Brasil começaram a se interessar pela pré-história do país, incluindo no seu meio de pesquisa um povo de pescadores e coletores, sem escrita, denominado de sambaquieiros, o qual ocupavam a costa do país, se instalando na faixa litorânea do país por volta de 6.500 AP¹.

Assim, na década de 60 também caracteriza-se pelo fortalecimento das instituições de pesquisa e conta também com contribuições significativas de amadores, com destaque especial para o trabalho de Guilherme Tiburtius, que acompanhou o desmonte de vários sambaquis e formou a magnífica coleção de objetos que atualmente integra o Museu de Sambaqui de Joinville, criado especialmente para recebê-la. Além de artefatos, Tiburtius deixou inúmeros croquis que mostram a disposição de objetos encontrados. Alguns desses desenhos são, até hoje, as únicas informações existentes sobre certas estruturas. (GASPAR, 2000). Mais tarde, todas as peças encontradas por Tiburtius, foram adquiridas e doadas por um amigo ao Museu, o qual teve grande influência para a formação da instituição.

O interesse na preservação dos sambaquis começou a ser tema de projetos e pesquisa, os quais tentaram entender a magnitude de um amontoado de conchas e o que por trás daquele marco paisagístico se escondia. Várias hipóteses começaram a surgir, inclusive sobre a vida social dos sambaquieiros ou mesmo sobre o significado do amontoado

¹ AP significa “antes do presente”, que, por convenção, é 1950. Trata-se de uma menção à descoberta da técnica de datação através do Carbono 14, que se deu em 1952. Assim, o evento mencionado ocorreu 6.500 anos antes de 1950. As referências cronológicas obtidas através de métodos físicos são sempre acompanhadas de suas respectivas margens de erro, que são expressas com o sinal positivo e o negativo. Para muitos o nascimento de Cristo é a principal referência cronológica e o tempo é dividido entre antes e depois de Cristo. A data mencionada acima equivale a 4.550 anos a.C.

de conchas. Temas como domesticação de vegetais, sedentarismo, identidade social, territorialidade e organização social passaram a compor o cenário científico e a responder à curiosidade das pessoas que se envolviam ou que faziam parte do meio em que os sambaquis se encontravam. Alguns dizem ainda ser um fenômeno natural, outros o determinam como um local de descarte de restos de cozinha de bandos de coletores, porém atualmente é considerado como o resultado de um ordenado trabalho social que tinha por objetivo, entre outras coisas, construir um imponente marco paisagístico. Toda a forma, a dimensão, o conteúdo e o arranjo espacial que os sambaquis apresentam, ajudam a reconstruir a paisagem social da época. (GASPAR, 2000).

Com isso, a própria representação dos construtores de sambaquis altera-se. Eles não são mais percebidos como um bando de coletores de moluscos, nômades em busca de alimentos. Discute-se a complexidade social de sua vida, especula-se sobre a presença de chefes, enfoca-se o elaborado ritual funerário, debate-se a presença de especialistas dedicados à confecção de esculturas e destaca-se a grandiosidade dos sítios como resultado de um orquestrado trabalho social. Rompe-se com o corolário de pré-noções que correlacionam os sambaquieiros à figura do “primitivo” desenhada no final do século passado, noção estruturadora do pensamento arqueológico que chegou a propor que as famosas esculturas de pedra e osso não poderiam ser obra desse povo (GASPAR, 2000).

Após o abandono pelos sambaquieiros, os sítios passaram por inúmeras intervenções de outros grupos culturais: horticultores ali fizeram suas roças, aproveitando a concentração de matéria orgânica; os colonizadores portugueses erigiram algumas de suas igrejas e de seus faróis sobre tais locais, pontos estratégicos para o domínio da paisagem natural e social. Com o desenvolvimento econômico do país, os sambaquis foram intensamente minerados para a fabricação de cal e pavimentação de estradas, dando lugar às cidades litorâneas. (GASPAR, 2000; FUNARI E NOELLI, 2002).

Com tudo isso, a história que pode ser construída através da cultura material sambaquiana procura ressaltar a vida cotidiana de

grupos que muitas vezes foram marginalizados da história, pois não há documentos de fácil acesso para esse tipo de estudo. Por isso, a preocupação dos arqueólogos e dos historiadores em preservar estes resquícios arqueológicos aumenta progressivamente, propondo assim a participação social mais aprofundada das comunidades que vivem em torno dos sítios nesse esforço de educação patrimonial e preservação permanente (ALVES e OLIVEIRA, 1995, apud OLIVEIRA, 1996).

A cidade de Joinville – SC, apresenta em torno de 42 sítios arqueológicos de sambaquis, alguns com fácil acesso para visitação, como o Parque da Caieira, o qual oferece conforto e lazer aos moradores próximos e outros projetos que se encontram em pleno desenvolvimento pelo Museu de Sambaqui de Joinville (SC), oferecendo ainda todo um trabalho de educação patrimonial, em especial nas escolas da região, para facilitar o convívio com os sambaquis e a preservação do patrimônio histórico e cultural do país, apresentando também uma grande infra-estrutura relacionada aos projetos para a conservação dos sambaquis, contendo um grande acervo de peças, junto a fósseis humanos, que contribuem para melhores condições de estudo. Há também uma vasta biblioteca sobre o assunto, além de programas de estudos, palestras e outras atividades, as quais tem contribuído muito para a preservação de um patrimônio magnífico, histórico e cultural para toda uma geração que encontra, no estudo de suas origens, a compreensão dos vários significados possíveis de fatores sociais e morais da história e da organização da nossa sociedade.

Já o Parque da Caieira em Joinville (SC), sítio arqueológico visitado e estudado, são encontradas “fornalhas”, as quais eram utilizadas para a fabricação do cal durante a colonização portuguesa, fazendo de sua principal matéria-prima os sambaquis. Nessa região do parque, hoje protegido por leis federais e municipais, se integram moradores próximos que se utilizam das belezas que o parque oferece para lazer e descanso, junto a visitantes que se integram por curiosidade e estudos. O parque se encontra em perfeita condição de estudos, sendo um dos mais bem preservados.

Com as perspectivas teórico-metodológicas da história oral as quais possibilitaram aliar a criação de registros documentais sobre os significados dos sambaquis, tanto para os profissionais do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (SC) e seus visitantes, quanto para os moradores próximos aos resquícios arqueológicos. Acreditamos, como outros pesquisadores, que a história e a vida cotidiana das populações que trabalham ou residem nas proximidades dos sítios arqueológicos, como exemplo o Parque da Caieira - Joinville - SC, não podem ser desconsideradas, utilizando-se da história oral como uma das principais fontes capazes de auxiliar na compreensão do significado desse patrimônio na atualidade, contribuindo para sua preservação (THOMPSON, 1992; MONTENEGRO, 1994; MORAIS, 1994; MEIHY, 2002). Dessa forma, através das contribuições da história oral para o estudo da cultura material, será possível compreender que papéis são desempenhados (ou podem vir a desempenhar) a cultura material herdada de sociedades antigas na experiência de vida das pessoas que, nos dias de hoje, têm contato direto com ela (SILVA, 1999).

Para os estudiosos, notadamente os historiadores e arqueólogos, “a história da cultural material proporciona: as condições de trabalho, as condições de vida ou a margem entre as necessidades e sua satisfação” (PESEZ in LE GOFF, 1990) de grupos humanos muito antigos e, por isso, vestígios como os sambaquis devem ser preservados e estudados. Na mesma direção, acreditamos que é preciso que a história oral favoreça o registro da história e da vida cotidiana dos grupos humanos contemporâneos que convivem com os sambaquis para que suas condições de trabalho e de vida – bem como o conhecimento de suas necessidades e das formas de satisfação das mesmas – possam ser relacionadas com esse patrimônio de forma positiva e construtiva. Assim as entrevistas temáticas realizadas, junto à utilização do Manual de História Oral (SEBE, 2002), foram desenvolvidas no Parque da Caieira – Joinville – SC, no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville – SC e seus visitantes (sítio arqueológico e parque público), promovendo uma ligação entre o passado e o presente, das representações dos sambaquis para a cultura dessas pessoas. Demonstrando as variedades culturais, os

ideais presentes em cada depoimento sobre as perspectivas do passado, unindo o conhecimento científico com o popular (local), as representações desse imaginário em relação a sua vida cotidiana, assim a construção de novas abordagens sobre o tema. Visamos, através dessa metodologia de pesquisa, um maior conhecimento das relações dos grupos humanos contemporâneos com os sambaquis, delimitando sua importância social, cultural e até econômica, bem como o fortalecimento das ações de preservação e de divulgação na região.

Assim, tentamos buscar a reconstituição social dos sambaquis e demonstrar seus significados para as pessoas que estão próximas aos resquícios arqueológicos, tentando compreender as representações elaboradas pelos principais grupos em contato com eles, bem como quais as noções de educação patrimonial que porventura esses sujeitos possuam a respeito desses sítios arqueológicos.

As entrevistas realizadas no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville – SC apresentam interesse pessoal dos visitantes, o entusiasmo e a fascinação pelos objetos expostos, junto a passagem de uma geração a outra da cultura dos antepassados. No parque da Caieira visitantes e moradores próximos, pouco tinham informações que ali se encontrava um sítio arqueológico pertencentes aos sambaquis, e visitam o parque mais por motivo de lazer e descanso, e pouco sabem sobre os sambaquis que ali se encontram e sua riqueza cultural, como podemos ver em alguns trechos de entrevistas. Acrescentando assim, maiores informações a respeito do pensamento social sobre os sambaquieiros e a sua representação culturalmente no presente.

Trecho da entrevista de Antônio Carlos Ferreira, casado, com cinquenta e dois anos, e morador em Joinville – SC, no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - SC:

“O que mais me chamou a atenção foram os artefatos, essa parte de lâminas, da forma que eles faziam, e ali está demonstrando como se faz, como se construir isso, então hoje como trabalho com ferramentaria, isso ali me deixou fascinado, sempre tive curiosidade na forma como eles faziam, se eles encontravam isso já pronto e ali está demonstrando

que eles construíram a própria ferramenta, demonstra a criatividade que eles tinham antes e que hoje está faltando às pessoas”.

Trecho da entrevista com Michele C. Nascimento, com vinte e um anos, solteira, e moradora de Joinville – SC, no Parque da Caieira:

“Sambaqui o que entendo e que aprendi é aqueles montes de conchinhas e eram onde os povos antigos eram lá enterrados e faziam aqueles montinhos e tal, mais ou menos isso”.

Trecho de entrevista com Marli Graf Avanço, com trinta e seis anos, casada, moradora dos arredores do Parque da Caieira em Joinville - SC:

“É a primeira vez que estou vindo aqui, estou adorando poder caminhar, o que me chamou a atenção foi o ar puro, a mata, assim é bom, olha ta faltando aqui é abrir mais (a mata), ter mais espaço, prolongar mais o espaço, fazer tipo um lugarzinho para crianças, um parque para poder brincar, seria bom né, acho importante preservar o parque, muito importante, ter lazer, ainda mais com essa poluição que a gente tem, já ouvi falar do Museu Arqueológico do Sambaqui, mas não fui visitar. Já sobre sambaqui, aí é difícil falar, o que entendo por sambaqui... não tenho noção do que seja”.

Referências Bibliográficas

1. FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
2. FUNARI, Pedro Paulo Abreu (ORG.). *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. São Paulo: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.
3. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral*. São Paulo: Loyola, 2002.
4. MOBERG, Carl-Alex. *Introdução à Arqueologia*. São Paulo: Edições 70, 1968.

5. MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*. São Paulo: Contexto, 1994.
6. MORAIS, Marieta de (ORG.). *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
7. OLIVEIRA, Mário Sérgio Celski de. “Distribuição Espacial de Sambaquis em Joinville-SC: Exercício Geoestatístico Preliminar sobre a Variação Morfométrica dos Sítios”. *Revista Paranaense de Geografia*. Curitiba, n. 01, p. 17-27, 1996.
8. PESEZ, Jean-Marie. “História da Cultura Material”. In LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, pp. 177-213.
9. SCHNAPP, Alain. “Arqueologia”. In BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1993, pp. 70-78.
10. SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: UNESP: FAPESP, 1999.
11. THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e terra S. A, 1992.
12. TRIGGER, B. G. . *História do pensamento arqueológico*. Tradução Ordep Trindade Serra: [revisão técnica Lucas de Melo Bueno, Juliana Machado]. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.